

# Corpo e poder na terra indígena de Ibirama – SC

*Antonio Luis Fermino<sup>1</sup>*

**Resumo:** O corpo possui formas, ocupa espaços, reage a diversos momentos e a todo instante está se movimentando, seja um simples ato de respirar ou de piscar os olhos. Ele é representação de uma sociedade, no modo como age no mundo e suas relações com o outro. O corpo, como matriz cultural, histórica de uma dada sociedade, a representa e explicita como esta se relaciona com o mundo e com o outro, outros corpos, grupos étnicos, sociedades. Neste sentido, este trabalho pretende discutir o corpo Laklãnõ/Xokleng, principalmente com as técnicas corporais trazidas por Mauss (1974) e as mudanças de comportamentos dos corpos entre eles.

**Palavras-chave:** Corpo. Técnicas corporais. Pentecostalismo.

**Abstract:** The body has ways, occupies spaces, reacts to different times and every instant is moving, is a simple act of breathing or blinking. He is representing a company, the way she acts in the world and its relations with the Other. The Body as a cultural matrix of a given historical society, represents and explains how it relates to the world and the Other, other bodies, ethnic groups, societies. Thus, this paper discusses the body Laklanõ/Xokleng mainly with body techniques brought by Mauss (1974) and the changes in behavior of bodies between them.

**Keywords:** Body. Body techniques. Pentecostalism.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela UFSC na linha de pesquisa Educação e Movimentos Sociais. Atua como pesquisador no Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva (LABOMIDIA - UFSC). Bolsista e pesquisador pelo Observatório da Educação do Campo núcleo UFSC. Pesquisador do Núcleo de Estudos dos Povos Indígenas (NEPI - UFSC). Pesquisador do grupo Corpo Educação e Cultura (COEDUC - UNEMAT). antonioluisf@gmail.com

## Mudanças, costumes

A *colonização* do saber nos povos ameríndios do nosso país, neste caso, mais precisamente com o povo Laklânõ/Xokleng<sup>2</sup>, situado na terra indígena de Ibirama, no Estado de Santa Catarina, demonstra em sua história a forma severa como os nativos foram tratados pelos colonizadores e de que modo sobreviveram ao período de contato desde o início da colonização italiana e alemã.

Os Laklânõ/Xokleng, ao longo de sua trajetória dentro do Estado de Santa Catarina, estiveram envolvidos em diversos conflitos sociais que marcaram a sua história e seu modo de viver nos dias de hoje. Muitas dessas marcas resultaram no abandono de algumas danças, rituais, fabricação de determinados alimentos, bebidas e confecção de artefatos. Uma das principais lutas dos indígenas para garantir seu espaço foi contra a colonização que invadia suas terras, pressionan-

do-os para o alto das montanhas e dos vales que cercam o rio Plate. Uma luta que permaneceu por muitos anos com o apoio do governo provincial financiando os bugreiros<sup>3</sup> para o extermínio da população indígena em todo o estado.

Com toda a mudança de vida a partir desses conflitos, os corpos desta população adquiriram novas técnicas. Através dessas interações, os indígenas foram modificando sua maneira de se portar perante a sociedade não indígena, com o intuito de conquistar espaço nas cidades limítrofes, contudo, sem esquecer suas origens.

Um marco muito importante nesse processo de mudança da rotina dos indígenas Laklânõ/Xokleng está relacionado à inserção das igrejas dentro da comunidade. Uma das primeiras instituições religiosas a se instalar na região foi a católica, a qual teve uma pequena participação na comunidade. No entanto, a igreja não se inseriu diretamente na Terra Indígena, participando mais efetivamente nas colônias que se instalavam vizinhas ao povo indígena.

Na década de 1950, as igrejas evangélicas “Assembleia de Deus” iniciaram seu processo de permanência na Terra Indígena. “Essa igreja condena o uso de

<sup>2</sup> De acordo com Santos “os índios Xokleng são conhecidos também pelas denominações Bugres, Botocudos, Aweikoma, Xókren e Kaingang” (SANTOS, 1973, p. 30) e não são aceitos pelos indígenas, mas atualmente o povo se autodenomina como “Laklânõ: povo que vive onde nasce o sol, ou gente do sol (ou, ainda, povo ligeiro) [...] assim, o termo Laklânõ vem ganhando espaço político, interno e externo, através do movimento de recuperação do idioma, incluindo a escrita de mitos antigos e o ensino bilíngue” (GAKRAN, 2005, p. 14).

No decorrer do texto vou me referir como Laklânõ/Xokleng, exceto quando há citações de outros autores. Escolho este nome para me referir a esta comunidade por dois motivos: em primeiro lugar para que assim o nome Laklânõ tome força e ganhe espaço na sociedade, pois é desta maneira que eles se reconhecem e merecem ser tratados como tal. Em segundo, não há possibilidade de afastar o nome Xokleng da pesquisa, por ser conhecido historicamente na literatura da área.

<sup>3</sup> Os bugreiros eram também conhecidos como caçadores de índios e atuaram de 1836 até o início do século XX. Compunham tropas de oito a quinze homens e costumavam atacar por tociaia à noite matando os adultos, poupando apenas algumas mulheres e crianças, que eram levadas às cidades de Blumenau, Florianópolis e outras localidades, onde eram batizadas e adotadas por famílias burguesas ou por religiosos. As mulheres Xokleng eram interrogadas sobre o paradeiro de outros grupos com a ajuda de índios Kaingang, devido à similaridade dos idiomas (SANTOS, 1973, p. 78).

bebidas alcoólicas e de fumo e pretende dar ao crente condições de chegar ao paraíso pela interpretação e seguimento dos preceitos bíblicos<sup>4</sup>. Sua instalação na comunidade indígena ocorreu com a ajuda do chefe do posto indígena Isidoro Oliveira quando este assumiu a chefia do Sistema de Proteção ao Índio (SPI).

A igreja, desde a sua inserção na Terra Indígena, impôs de forma rígida a todos que se dispuseram a frequentar as celebrações, seguir os preceitos bíblicos, “assim, estas pessoas são facilmente identificáveis pelo seu aspecto, o que já está instalado no imaginário social contemporâneo que vincula o “crente” às características que apontamos.”<sup>5</sup>

Tais mudanças foram visíveis, como no uso de roupas sociais, nos cabelos das mulheres, os quais permaneciam sempre compridos, no uso de saias longas, na proibição de frequentar bailes, bares e até mesmo na prática de modalidades esportivas, justificando que tais hábitos eram proibidos pela Bíblia e que a busca pela salvação passa por seguir os preceitos bíblicos. Para Foucault “a doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; mas ela serve em contrapartida para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los,

por isso mesmo, de todos os outros”<sup>6</sup>.

Em seu trabalho, Silva ao investigar os usos e costumes da Igreja Assembleia de Deus, apontou que as mudanças na instituição estão ocorrendo, mas que muitas delas ainda obedecem a um padrão de costumes que não foram alterados. Os usos e costumes são vistos na Assembleia de Deus como uma “conduta fundamental de relação para comunicar com o sagrado e a estruturação do ethos<sup>7</sup> em oposição ao que é profano”<sup>8</sup>. Para Foucault “o poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior adestrar, ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor”<sup>9</sup> para que os sujeitos tenham determinado engajamento a instituição que pertencem, desta maneira, a mesma retém um poder sobre o indivíduo.

Entre os Laklãnõ/Xokleng, no ideário da Igreja Assembleia de Deus, profano é o ato de praticar as modalidades esportivas, frequentar bares,

<sup>4</sup> SANTOS, Silvio Coelho dos. *Índios e brancos no Sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng*. Porto Alegre: Movimento; Florianópolis: Edeme, 1973.

<sup>5</sup> PICH, Santiago. *Extra corpore nulla salus: a encruzilhada entre o corpo, secularização e cura no neopentecostalismo brasileiro*. Tese de doutorado em ciências humanas. UFSC, 2009.

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel. *Ordem do discurso*: aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 3. ed., 1996, p. 43.

<sup>7</sup> “Na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida”. GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, p. 67.

<sup>8</sup> SILVA, Cláudio José da. *A doutrina dos usos e costumes na Assembleia de Deus*. Dissertação de mestrado em ciências da religião. Universidade Católica de Goiás, 2003.

<sup>9</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes, 1987, p. 195.

bailes, usar roupas que possam propiciar ou acender o desejo do outro de maneira libidinosa. Essas práticas têm sido pregadas desde o surgimento da Assembleia de Deus. Adequar-se a esses costumes é uma maneira de santificação, de abrir caminhos para o céu, uma busca pela pureza do espírito.

A partir disto tem-se uma disputa do tradicional x moderno, profano x sagrado, salvação religiosa x salvação esportiva, poder x poderes e de que poderes estamos falando. Como Geertz (1973) apresenta no exemplo da pedra e do vidro da catedral de Chartres, na França, não basta entender o homem apenas pelo homem. Para compreendê-lo devemos entender o local onde ele nasceu, viveu, e é criado. É necessário compreender as relações sociais que cercam o sujeito no seu mais íntimo ser e estar no mundo, e compreendê-lo num contexto histórico social em constante mudança conforme as relações estabelecidas com outros homens e com a natureza. Em Foucault encontramos uma perspectiva de entender o poder em forma de rede, que perpassa o corpo social.

### Mudanças no corpo Laklãnõ/Xokleng



Figura 1. Pai e filha Laklãnõ/Xokleng num momento de descontração mexendo em objetos, roupas e brinquedos. Julho/2011. Arquivo do autor.

O caminhar, como técnica corporal, é, assim, marcado num sentido mais amplo, um caminhar que pode ser referenciado nas mudanças de territórios, nas relações com outros indígenas e com os não indígenas, e nas relações dos próprios grupos que os constituem como os atuais Laklãnõ/Xokleng, em Santa Catarina.

No início do contato entre indígenas e não indígenas, as mulheres caminhavam com um cesto de palha, com uma alça que era colocada na testa. Neste cesto, elas depositavam e carregavam diversos alimentos, utensílios domésticos, ferramentas de trabalho e em algumas vezes, até as crianças. Em um evento organizado pela Associação das Mulheres da Aldeia Palmeirinha, o senhor Edu explicou o seguinte numa curta fala sobre as tradições dos Laklãnõ/Xokleng:

Não tem mais, aqui, os balaio, isso aqui são tradições, os índios faziam, os Xokleng faziam mais tradicional, então, eles usavam os balaio para carregar as coisas e as mulheres fazia os balaio e amarravam assim e colocavam na cabeça. Essa era a tradição deles as mulheres carregavam<sup>10</sup>.

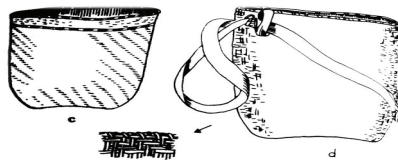


Figura 2. Cesto e/ou balaio que os Laklãnõ/Xokleng confeccionavam. Disponível em: <<http://laklano.iel.unicamp.br/laklano/?q=Kagglal>>. Acesso em: 22 ago. 2012.

<sup>10</sup> Fala do senhor Edu Priprá sobre tradição Laklãnõ/Xokleng na festa de comemoração de um ano da Associação das Mulheres da Aldeia Palmeirinha, 22 de outubro de 2011.

Nesta pequena fala do senhor Edu, podemos perceber que os *habitatus*, que os indígenas possuíam em um determinado momento de sua história, hoje não são mais vistos. Os balaios são construídos, mas sem as alças, e ninguém mais os carrega nas costas, levam de carro, de moto, bicicleta, pedem para o vizinho para dar uma carona até o local onde querem depositar o balaio. Prática que vem sendo cada vez mais forte dentro da comunidade Laklãnõ/Xokleng e que não é entendida como algo que macula a “imagem” deles, é uma mudança que para eles é benéfica, pois não precisam carregar nas costas um balaio que pesa a metade de seu peso ou até mais, sendo que podem utilizar um automóvel como “carregador” de seus pertences. No caso dos homens, sua responsabilidade era sair para a caça e pesca em busca de alimentos para a comunidade. Para tal serviço, os indígenas eram treinados para a sua defesa contra qualquer perigo que pudessem encontrar. O indígena Cambechui, em uma conversa, contou-me sobre a preparação dos guerreiros no tempo em que eles viviam no mato:

O nosso grupo Xokleng, eles tinham uma especialidade de preparar, o guerreiro deles, né, aquela pessoa fica apta para batalhar sobre eles [a favor deles]<sup>11</sup>, se entrassem em conflito, alguma coisa assim meio parecido. Então eles o preparavam como se prepara

<sup>11</sup> Explicação do autor.

um soldado. Eles criavam a criança naquela sequência e tudo, eu acho que é uma doutrina ou alguma coisa assim. Naquela sequência, já como guerreiro, então a criança acompanhava o pai, segundo as histórias, eu não estou inventando, eu estou falando coisas que me contaram, né! Então a pessoa ia seguindo o pai como um discípulo, então o pai iria mostrando e o grupo, a tribo em si, eles simpatizavam pela pessoa e todos eles se reuniam e faziam esse ato de preparação com a criança<sup>12</sup>.

Depois do contato com a sociedade não indígena, a saída do mato e sua instalação próxima ao posto indígena, os indígenas começaram a utilizar animais e carroças para carregar seus pertences. Nos estudos de Santos, essa mudança de rotina dos Laklãnõ/Xokleng foi denominada de sedentarismo, pois não precisavam se locomover para outros lugares para comer e caçar, tinham um “lar” fixo e apoio do Serviço de Proteção aos Índios. O posto indígena fornecia alimentos e ensinava-os técnicas de agricultura, como plantação de mandioca, milho e outros alimentos, e também proteção contra os ataques de bugreiros<sup>13</sup>. Neste momento, o corpo deixa de praticar todas as atividades que estava acostumado a realizar, tornando-se então, um corpo campo-

<sup>12</sup> Entrevista com o indígena Cambechui/2011, atualmente professor de Educação Física da escola Laklãnõ e evangélico.

<sup>13</sup> SANTOS, Silvio Coelho dos. *Os índios Xokleng: memória visual*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Itajaí: Ed. da Univali, 1997. \_\_\_\_\_. *Nova história de Santa Catarina*. 5. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004. \_\_\_\_\_. *Educação e sociedades tribais*. Porto Alegre: Movimento, 1975.

nês, como explicita Roland Barthes (2003)<sup>14</sup>.

Corpo que até o momento da pacificação ou contato não conhecia e nem mesmo lhe pertencia o cansaço, pois estava habituado a não parar. Deixar de executar algumas tarefas e utilizar outros meios que auxiliavam o transporte de mantimentos e utensílios domésticos gerou uma grande mudança em seus corpos.

O levantar o cesto, o modo de colocar a alça na testa, a forma de carregá-lo e até mesmo a fabricação deste artefato, eram uma “técnica corporal” que, como tal, expressa uma mudança na sociedade como um todo.

Esta técnica, no entanto, está atrelada a uma mudança mais ampla, a mudança de um modo de viver que afetou os Laklãnõ/Xokleng quando foram levados a sair do “mato”. Esta profunda alteração que modificou a “técnica corporal”, também pode ser compreendida a partir de Mauss, com o conceito de *habitus*:

Esta palavra traduz, infinitamente melhor que “hábito”, o “exigido”, o “adquirido” e a faculdade de Aristóteles. [...] esses “hábitos” variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, mas, sobretudo, com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, com os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, ali onde

<sup>14</sup> “[...] E, além desses corpos públicos (literários, escritos), tenho, por assim dizer, dois corpos locais: um corpo parisiense (alerta, cansado) e um corpo camponês (descansado, pesado)”. BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003, p. 74.

de ordinário vêm-se apenas a alma e suas faculdades de repetição.<sup>15</sup>

Com isso, posso afirmar que a mudança de *habitus* ocorreu com a saída do mato, quando as formas de fabricação de artefatos também são transformadas. Atualmente a fabricação é feita apenas pelos mais velhos para a venda de artesanato, o que também expressa uma realidade bem distinta das experiências anteriores que marcaram os corpos deste grupo étnico.

Observa-se também que os jovens que possuem um convívio mais íntimo com essas pessoas que fazem este artesanato têm a possibilidade de aprender e produzir esses artefatos da cultura tradicional. É o caso da filha do senhor Villi, uma menina jovem, de aproximadamente 16 anos, que mora em Presidente Getúlio, no Estado de Santa Catarina, mas toda a semana vai à casa de seus pais que vivem na Terra Indígena Laklãnõ aprender a fazer artesanato. Essa aprendizagem não é sistemática, ela parte da vontade do indivíduo, da sua disposição em querer fazer. Então, nos períodos em que visita seus pais, a jovem tem a oportunidade de visualizar como eles estão fazendo/construindo o chocalho, a lança, o arco e flecha. Ela observa a maneira de furar a caçapa, o modo de fazer o traçado no cabo da lança, o jeito de colocar as penas nas pontas dos objetos. São técnicas que

<sup>15</sup> MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974, p. 214.

os sujeitos vão aprendendo ao longo de suas vidas.

Existe também a possibilidade de não querer fazer ou aprender. Cada um tem autonomia para decidir por motivos diversos, pode não ter interesse em aprender, preferir ir à igreja, ler um livro, sair com os amigos, ou realizar qualquer outra atividade que o cativa, e isso não é questionado. Não há como forçar a aprendizagem de tais técnicas, o sujeito deve estar disposto a aprender, podendo até iniciar e desistir por achar que tal aprendizagem não é necessária.

“Toda a aprendizagem é começada habituando a criança a permanecer na água com os olhos abertos”<sup>16</sup>. Dessa maneira o sujeito inicia um contato de reconhecimento do ambiente, pode compreender os motivos pelos quais os pais constroem artesanato e que este artesanato deverá para auxiliar na renda da família. E que por trás desse significado “comercial” há também um significado enquanto povo Laklãnõ/Xokleng, de pertencimento a um grupo social (tanto interno, quanto externo ao grupo) que se “atualiza” e se adequa/caminha ao longo dos anos com os não indígenas.

“Cada sociedade tem hábitos que lhe são próprios”<sup>17</sup>. Mas, no íntimo de cada sociedade existem técnicas que a diferenciam. Essas técnicas são adquiridas durante o contato com outras

culturas e, dessa maneira, as sociedades indígenas contraem novos *habitus* dentro do dia-a-dia. Para exemplificar, Mauss refere-se à observação que faz das moças francesas caminhando: “As modas do caminhar americano, graças ao cinema, começavam a chegar na França”<sup>18</sup>, ou seja, a mudança na técnica de caminhar das francesas expressa uma mudança de hábito da sociedade, que passa a consumir o cinema norte americano.

Assim, não há como mudar gestos, movimentos que estão impregnados em nossos corpos sem uma mudança na sociedade, e não é fácil mudanças ocorrerem depois de que os corpos são educados nas técnicas corporais desde a infância. Com isso, retoma-se Mauss para compreender como se dá a educação que no corpo marca a cultura, pela tradição, ou seja, ao compreender-se o uso do corpo pode-se ter o conhecimento de seu próprio ser. O autor para se referir às mudanças nas técnicas corporais e o seu sentido nas mudanças da própria sociedade, busca o exemplo das técnicas da natação: “[...] perdeu-se o costume de engolir água e cuspi-la, esta maneira faz parte de uma técnica para a educação do mergulho. Em meu tempo, os nadadores consideravam-se espécies de navios a vapor. Era estúpido, mas, enfim, ainda faço esse gesto: não posso desembaraçar-me de minha técnica”<sup>19</sup>. Entendo que é isto que faz com que cada técnica seja específica

<sup>16</sup> Idem, p. 212.

<sup>17</sup> Idem, p. 213.

<sup>18</sup> Idem, p. 213.

<sup>19</sup> Idem, p. 212 e 213.



para determinada sociedade e época que foi praticada, não há como negá-la, esta faz parte da identificação do corpo (individual ou coletivo/grupo) e é o que acaba expressando sua diferença na relação com o Outro.

Assim, o fato de abandonar uma técnica de natação para utilizar novas técnicas desenvolvidas (técnica corporal entendida como prática social), Mauss identifica que, assim como há uma técnica corporal específica para cada gesto, há também uma diversidade enorme de gestos dos mais corriqueiros que nos passam despercebidos. Se pararmos para observar, encontramos inúmeros gestos e técnicas inscritas em nosso próprio fazer: a forma de parar, de andar, de sentar, de gesticular ao falar, nesse fazer e ser, identificamo-nos com as maneiras de ser do pai, da mãe, do avô, etc. É essa educação no corpo que se dá desde o nascimento que nos constitui como pessoa única<sup>20</sup>.

Se há duas sociedades, há também duas atitudes, dois *habitus* e também espaços de fronteiras. Estes têm seus momentos de encontro, seja na missa, na festa, união de casais, celebrações, entre outros eventos. Haverá, portanto, um momento em que essas duas comunidades poderão se unir. E este encontro trará algumas “técnicas” que se colocaram no lugar de outras. Mas não dos *habitus*, “pois esta especificidade é o caráter de todas as técnicas”<sup>21</sup>.

<sup>20</sup> GRANDO, Beleni Salette. *Corpo e educação: as relações interculturais nas práticas corporais Bororo em Meruri – MT*. Tese de doutorado em Educação – UFSC. 2004, p. 45.

<sup>21</sup> MAUSS, M. Op.cit., p. 213.

Por meio de uma interação com pessoas diferentes há uma afirmação de suas características, ao mesmo tempo em que há uma aquisição de outros costumes. As condutas partilhadas entre os membros da sociedade e o *habitus* social que caracteriza um povo servem de base para que ocorra essa diferenciação<sup>22</sup>.

Com relação aos Laklãnô/Xokleng a mudança de *habitus* veio com a medida tomada pelo chefe do Serviço de Proteção aos Indígenas de Ibirama, Eduardo Hoerhann. Nos fatos históricos narrados pelo professor Silvio Coelho dos Santos a proibição do uso do botoque e a cremação dos mortos, uma vez que Hoerhann acreditava que esse hábito poderia aumentar o número de doentes, pois o contato com os não índios proporcionava um aumento nas doenças transmitidas por estes, em grande escala. Mas, não somente estes hábitos, o que ocorreu junto com as doenças foi a introdução da nova dieta com a saída do “mato”<sup>23</sup>.

<sup>22</sup> ALMEIDA, Arthur José Medeiros de. *Esporte e cultura: esportivização de práticas corporais nos jogos dos povos indígenas*. Brasília: Ministério do Esporte/ 2º Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social, 2011, p. 109.

<sup>23</sup> Refiro-me a “mato” no sentido de estabelecer uma relação cronológica, sendo entendida como período antes do contato e de instalação às margens do rio Plate. “Eles utilizam a expressão índios do “mato” para denotar o tempo da cultura originária, o modo de vida que caracteriza o grupo desde o seu surgimento, o ponto zero do tempo, inaugural. No mato – dizem as narrativas – não havia aldeias, tal como hoje existem”. LOCH, Silvia. *Arquiteturas Xokleng contemporâneas: uma introdução à Antropologia do espaço na terra indígena de Ibirama*. (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2004, p. 31.



O corpo aqui é criado e recriado a partir das experiências com o mundo, com o novo. Não há possibilidade de separá-lo de forma dualista (como em algumas áreas separa-se para efeito de estudos, como ocorre com a biomecânica e a psicologia, por exemplo). Se há o movimento, há também um pensamento, uma reflexão do mesmo. As técnicas adquiridas por este corpo são tomadas de forma consciente. O sujeito aprendeu, observou, refletiu e agiu. Da mesma maneira como Mauss observou em relação às mudanças no jeito de andar das mulheres francesas, uma técnica corporal não é imposta de forma autoritária e contra os modos de comportamento das pessoas. O que está posto é a relação delas com o mundo, com o outro, o novo.

### O corpo na religião

A igreja entrou na Terra Indígena Laklânô/Xokleng com a intenção de catequizá-los conforme seus princípios bíblicos e está presente a partir da década de 1950, como visto anteriormente. Desde a sua inserção e aceitação por eles ocorreram algumas mudanças na forma de vestir e ingerir substâncias que eram hábitos dos indígenas. Sendo assim, o corpo é um dos meios de manifestar tal “transformação” cultural vivida entre eles. Através desse meio de comunicação, o corpo, é que os indígenas apresentam suas maneiras de sentir, falar, vestir... Tudo ficou muito diferente do tempo em que eles viviam no “mato”. Um exemplo era o uso da capota, um ornamento corporal usado para tampar os órgãos genitais.



Figura 3. Indígena Laklânô/Xokleng no início do contato. Disponível em: [http://img.socioambiental.org/d/239183-1/xokleng\\_2.jpg](http://img.socioambiental.org/d/239183-1/xokleng_2.jpg). Flavio Braune Wiik.

A preocupação entre os Xokleng com a ornamentação do corpo, através da utilização de enfeites e adornos, pode ser constatada por intermédio do fato de que os guerreiros tinham sua própria *vestimenta* que se compunha do cocar utilizado nos momentos de festa, bem como uma espécie de cinto feito com vários cordões, que era amarrado à cintura e envolvia o pênis. Há informações de que tais cintos eram símbolos de masculinidade, e os meninos os recebiam de seus pais logo após o ritual de perfuração dos lábios<sup>24</sup>.

Com a intervenção da igreja e não somente com ela, mas também, por meio do chefe do posto indígena (que representava a sociedade não indíge-

<sup>24</sup> VIEIRA, E. E. *Simbolismo e reelaboração na cultura material dos Xokleng*. Dissertação de mestrado em História - UFSC. Florianópolis, 2004, p. 59.

na), tornou-se obrigatório o uso de roupas sociais e sapatos. Em conversa com o senhor Antônio Caxias Popó no período em que estive em campo, o uso das roupas com a chegada da igreja tornou-se obrigatório, mas havia alguns homens que não se adaptaram, não utilizavam roupas e continuaram usando os ornamentos do tempo do “mato”.



Figura 4. Festa de comemoração ao Dia do Índio. 21 de abril de 2012. Arquivo do autor.

Aqueles que frequentavam e frequentam as igrejas devem sim se adequar às normas que eram/são impostas pelo pastor, padre e preceitos bíblicos. Desta forma, atualmente os indígenas que frequentam a igreja dentro da Terra Indígena Laklãnõ devem estar vestindo calça, camisa – no caso dos homens – e saias e cabelos compridos – no caso das mulheres. O corpo foi alterado pelo contato com novos adornos, novas formas de se comportar perante o Outro.

O rigorismo moral revela-se em diferentes hábitos dos seus membros como a proibição de fumar e beber álcool, de participar de festas, no vestuário proibindo as mulheres de usar calças e de cortar o cabelo e até de realizar práticas corporais de caráter esportivo. Assim, estas pessoas são facilmente

identificáveis pelo seu aspecto, o que já está instalado no imaginário social contemporâneo que vincula o “crente” às características que apontamos anteriormente<sup>25</sup>.

Seguindo neste mesmo pensamento, tal rigidez representa uma segurança de que o sujeito pertence à religião e às crenças pentecostais impostas dentro da comunidade. O outro hábito proibido pela Igreja Assembleia de Deus é o consumo de bebida alcoólica. Entretanto, no tempo do “mato” os Laklãnõ/Xokleng produziam uma bebida bem diferente da atual utilizada a partir da relação com os não indígenas, que é destilada. Esta antiga bebida sempre esteve presente nos rituais de perfuração dos lábios para o uso dos botoques ou em festas e celebrações. Nesta bebida os ingredientes usados são xaxim, mel de abelha, pedra e água, conforme o relato do senhor Antonio Popó:

Mas cada coisa tem um significado, o xaxim é o fermento, para ferver a bebida e as pedras não é dessas pedras comum, é essas pedras lisas, que tinha no rio, agora não dá pra ver mais. Um pedras lisas e botava junto com essas pedras para esquentar. Então esquentava até no fogo lá, né. Aí quando estava bem quente, botava no cocho. Aí fervia o xaxim. Aí no cocho tinha mel e água, aí ficava a bebida, era um cocho de pau, de madeira que eles fa-

<sup>25</sup> PICH, Santiago. *Extra corpore nulla salus: a encruzilhada entre o corpo, secularização e cura no neopentecostalismo brasileiro*. Tese de doutorado em ciências humanas. UFSC, 2009, p. 123.

ziam, né. Hoje a geração mais nova não sabe mais nada, não sabe nem falar no idioma<sup>26</sup>.

Concordando com senhor Antônio, os jovens não sabem mais produzir tal bebida, um dos motivos é o fato de terem outras bebidas prontas em bares próximos à Terra Indígena, evitando dessa maneira o trabalho de colher os ingredientes e deixar fermentar para depois consumir. São técnicas que foram sendo alteradas/substituídas por outras, a partir do contato com a população não indígena. Os indígenas que “pertencem” aos preceitos bíblicos ditos pela Igreja Assembleia de Deus não ingerem nenhum tipo de bebida alcoólica. “Você deve conhecer, está escrito na Bíblia, não se embriague com o vinho que te há contendado<sup>27</sup>. Porque se eu beber demais a minha mente fica ‘balangando’ e eu sou capaz de te abusar, né<sup>28</sup>”. Para evitar cair em tentação, cometer o pecado do uso da bebida alcoólica, o “irmão (ã)” ora, pede ao Senhor que não o deixe enfraquecer, pois “o fiel, na busca da salvação, deve resistir às tentações e ser radical na rejeição ao mundanismo e obedecer aos mandamentos divinos”<sup>29</sup>.

Nesta passagem bíblica não é a negação da bebida que está sendo imposta e sim o uso abusivo de tal substância,

uma vez que a bebida destilada, como o vinho, é parte da cultura na qual o próprio Jesus viveu há mais de dois mil anos. O corpo aqui é um “corpo substancial”, não se quebrou o dualismo do corpo, como observa Kunz (2004), neste conceito existe uma divisão entre o homem e o mundo, o “mundo exterior” do corpo e o “mundo interior” da alma ou da mente.

Termos como, “salvação da alma” do “espírito” são muito utilizados nos cultos da Igreja Assembleia de Deus na Terra Indígena. E para que essa ação se concretize o corpo externo deve estar limpo, proibido de ingerir qualquer tipo de substância que possa prejudicar o caminho da salvação. “Para os protestantes, o corpo não é desprezível, mas merece ser preservado e, se for necessário, salvaguardado de perigos”<sup>30</sup>. Sendo assim, é necessário um comprometimento com Deus, que sejam radicais às leis da Bíblia, obedecendo fielmente a todos os mandamentos prescritos, não caindo em descrença. Tornam-se então um mecanismo de contato com o sagrado, o poder divino, livram-se dos vícios vividos em outros momentos passados, obtendo a fé e o Espírito Santo.

Outro aspecto importante para a busca da salvação da alma e do espírito está no modo de se portar perante os membros da comunidade. “Logo mais à tarde tem o desfile da garota indígena,

<sup>26</sup> Conversa com o senhor Antonio Caxias Popó. Março de 2012.

<sup>27</sup> Original: “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do espírito” (Ef. 5:18).

<sup>28</sup> Conversa com o senhor Rubens Caxias Popó.

<sup>29</sup> SILVA, Cláudio José da. *A doutrina dos usos e costumes na Assembléia de Deus*. Dissertação de mestrado em ciências da religião. Universidade Católica de Goiás, 2003, p. 39.

<sup>30</sup> GELIS, Jacques. O corpo, a igreja e o sagrado. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: renascença às luzes*. V. 1. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2008, p. 126.

[...] queremos convidar todos se puderem estar ali, mas não são obrigados, muitos são evangélicos não são obrigados a estarem ali”<sup>31</sup>. Mauss nos explica que determinados sujeitos de diferentes visões de mundo, *habitus* e técnicas, reagem a determinadas situações de maneiras dispares, ou seja,

[...] há posições da mão, no repouso, convenientes e inconvenientes. Assim, podem adivinhar com segurança que se uma criança se senta à mesa com os cotovelos junto ao corpo, e, quando não está comendo, com as mãos nos joelhos, que ela é inglesa. Um jovem francês não sabe mais se dominar: ele abre os cotovelos em leque, apoia-os sobre a mesa e assim por diante<sup>32</sup>.

Neste pensamento, à diferença entre uma pessoa da igreja e outra que não partilha dos preceitos bíblicos e dos dogmas da tal igreja, embora seja cristã, não frequenta a instituição. O sujeito que frequenta as instituições da Assembleia de Deus dentro da Terra Indígena Laklãnõ auxilia na arrecadação de fundos para a igreja, organiza e está sempre presente nas celebrações. Contudo, não está disposto a participar da festa, com atrações de bandas e bebidas que são oferecidas em determinado evento organizado por eles.

Por outro lado, o indivíduo que não

frequenta estas instituições na sua comunidade interage em outras relações dentro da Terra Indígena. Também, é este mesmo indivíduo que pratica modalidades esportivas fora ou dentro da escola, que participa das festas e bailes da região e que por sua vez pode ou não frequentar bares, usando ou não bebidas alcoólicas. O fato é que este sujeito não segue os preceitos bíblicos como outros membros da comunidade, no entanto ele não deixa de acreditar em um Deus.

O culto é o momento importante para a busca pela “salvação da alma” e “espírito”, a palavra “Aleluia” repetida inúmeras vezes é destacada como forma de agradecer a Deus por todos os benefícios que traz a eles. O corpo exerce um papel central dentro da religião, as técnicas de reverência - braços abertos, erguidos e as mãos voltadas para cima - para Deus, como um meio de garantir a vivência e deixar-se tomar pelo Espírito Santo. É através do corpo que os “irmãos” abrem espaços para que sejam glorificados e recebam a cura e a salvação. “Portanto, o corpo é condição de possibilidade da eficácia dos diversos rituais que se realizam diariamente nos templos do neopentecostalismo brasileiro”<sup>33</sup>.

Em cada fala existe um sentimento de que ali encontraram a salvação e que estão seguindo os caminhos de Deus. Seus corpos estão sendo observados por

<sup>31</sup> Festa de comemoração de um ano da Associação das Mulheres da aldeia Palmeirinha na escola Laklãnõ no dia 22 de outubro de 2011. Fala do orador do evento, infelizmente não tenho o nome do indígena, apenas o vídeo que os próprios Laklãnõ/Xokleng me pediram para gravar como registro.

<sup>32</sup> MAUSS, M. Op.cit., p. 124.

<sup>33</sup> PICH, Santiago. *Extra corporem nulla salus: a encruzilhada entre o corpo, secularização e cura no neopentecostalismo brasileiro*. Tese de doutorado em ciências humanas. UFSC, 2009, p. 188.

todas as pessoas presentes no culto, por eles expressam uma linguagem de acordo com o que falam. Por exemplo: “[...] Se estou aqui hoje diante de vocês não é por acaso, Aleluia! é porque Jesus Cristo, com o senhor nosso Deus, Aleluia! quis que eu estivesse aqui, falando para vocês [...]”<sup>34</sup>. Seu corpo se expressa com os movimentos dos braços erguidos nos momentos em que fala “Deus” e “Jesus Cristo” com certa força nos movimentos. Seu rosto demonstra serenidade, e com expressões fortes quando chama a atenção dos fiéis. Seu caminhar é de um lado para o outro do altar. É ele quem deve passar a mensagem da salvação, de cuidado com o próximo e consigo mesmo para todos que o observam.

Observa-se aqui que este movimento não é único do sujeito que está pregando no momento do culto, e sim foi adquirido em vários eventos anteriores a este que ele pôde participar e aprender, para neste momento mostrar através de seu corpo a palavra de Deus. “A técnica de bater ‘palmas para Jesus’ [enquanto dizem: ‘Aleluia, Aleluia, Aleluia Senhor Jesus Cristo’], se destina à glorificação de Deus em sinal de agradecimento pela demonstração da sua potência, como no momento da expulsão dos demônios, bem como por ter nos acolhido durante a reunião”<sup>35</sup>. demonstrar a gratidão pelas graças recebidas, tanto materiais como espirituais são formas e gestos que servem como reverência ao Senhor por tudo que tem

oportunizado nas vidas dos fiéis da Igreja Assembleia de Deus, conforme eles acreditam.

A técnica do abraçar para dar e receber a bênção a partir da expressão “A paz do Senhor”, concordando com Pich, traz um sentimento de confiança, segurança, “acolhimento” interior e confraternização entre os fiéis, de maneira com que os presentes se sintam encorajados para enfrentar os desafios da vida. “O corpo é um lugar privilegiado de investimento neste movimento religioso. O indivíduo é conduzido pelo corpo ao longo de cada culto ou reunião neopentecostal”<sup>36</sup>.

### **Dança da Viúva, corpo, religião**

A Dança da Viúva parou de ser praticada pelos indígenas em decorrência do acesso das igrejas evangélicas à terra Laklãnõ. A festa da reconciliação do luto, como foi chamada pelo senhor Edu Priprá, ocorria para reconciliar o viúvo ou viúva na comunidade<sup>37</sup>. O senhor Villi era um menino na década de 1950 e teve a oportunidade de participar e observar essa dança na comunidade Laklãnõ/Xokleng. “Quando eu era criança assim, eu já tinha calça curta, e então eu vi isso e até é [foi com] o pai do Namblá”<sup>38</sup>. Na morte de sua companheira o viúvo foi levado até uma ca-

<sup>34</sup> Fala do indígena que estava pregando no culto.

<sup>35</sup> Idem, p. 186.

<sup>36</sup> Idem, p. 188.

<sup>37</sup> Fala do senhor Edu Priprá na festa de comemoração de um ano da Associação das Mulheres da aldeia Palmeira. 22 de outubro de 2011.

<sup>38</sup> Conversa com Villi, que está contando a história que aconteceu com o pai do professor indígena Namblá, da escola Laklãnõ. Agosto de 2011.

bana nas margens do rio e durante seis meses ficou confinado, sem nenhum contato com os outros indígenas e acontecimentos externos nesse período.

Às vezes ficavam 30 dias, depende... Eles tinham uma marca, eles eram conhecidos pela marca, por exemplo a minha marca era dois risquinhos assim na testa [nas bochechas no sentido vertical], esse aqui [outro rapaz] era uma bola com pingüinho no meio, então, cada pessoa tinha um reconhecimento pelas suas marcas, então quando morria uma pessoa daquele casal, depende a marca dele tinha uma pessoa escolhida pelo curandeiro deles, pajé, para cuidar.. depende a marca ele tinha um mês, dois meses, tinha vezes que ficava 90 dias, eu quando era pequeno eu lembro que apreciei uma reconciliação de um índio dos nosso aqui.. Ele ficou 90 dias lá longe do povo e tinha uma família que ficou tratando dele e lá ele tinha que ficar, até vencer aquele prazo<sup>39</sup>.

A única exceção era de um indígena que ficava encarregado de levar a comida para ele. “E a pessoa escolhida é a que pode ir lá sozinho. Quando ele tá chegando ele tem que dá sinal que tá chegando, que é ele. Então isso foi escolhido para poder atender esse homem”<sup>40</sup>. Mas a comida também não podia ser assada ou cozida em nenhum tipo de recipiente, como uma panela, por exemplo, deveria ser assada na brasa. Assim, acreditavam que a comida feita em uma panela não traria sorte e nem mesmo muitos anos de vida ao vi-

úvo. “Vamos dizer, um viúvo não pode comer comida feita na panela porque se não tem a vida curta, a vida não vai muito longe”<sup>41</sup>.

Terminados os seis meses de afastamento, o viúvo era trazido por dois índios que o carregavam até a aldeia. “Antes de trazer fizeram um preparo, a bebida deles, uns quatro metros de tanque, um cocho com xaxim, pedra, pedra de ferro com fogo, vai ali até ficar azedo, ficou uma semana, pra tomar, né”<sup>42</sup>. Quando o viúvo retornava à aldeia, todos os membros da comunidade faziam uma roda e ele ficava no centro dessa roda. Enquanto ele ficava no centro, todos os outros membros cantavam e dançavam.

Eles ficaram o dia inteiro cantando, como se diz festejando, dançando, não era meia dúzia não, era uma festa, né, uma mulherada, meninada, os homens todos fazendo essa dança. Alegria, né, por esse homem. Nesse ano o tempo dos velhos que passaram eles eram muito amoroso, faziam dança, canto tudo e os parente dele ali, enquanto que eles dançando eles vinham chorar, abraçar, e depois ele ia dançar lá, e a segunda mulher dele tá viva ainda, é a mulher do Namblá<sup>43</sup>.

Para o senhor Iudo, “aquela dança deles queria dizer assim, eles estavam expulsando os espíritos do morto para não ficar e ele [o viúvo] ficar livre daquela pessoa”. Lévi-Strauss ao trazer

<sup>39</sup> Fala do senhor Edu Priprá, 2011.

<sup>40</sup> Conversa com Villi, agosto de 2011.

<sup>41</sup> Ibidem.

<sup>42</sup> Idem.

<sup>43</sup> Idem.



as cerimônias de adoção entre os Fox, numa comparação com o jogo, nos diz que tais práticas rituais funerárias tinham um único objetivo, “a partida definitiva da alma do defunto”<sup>44</sup>, da mesma forma que a Dança da Viúva ou reconciliação do luto que era praticada entre os Laktlânõ/Xokleng. Seguindo os passos desse ritual, dessa dança, o viúvo teria a oportunidade de recomeçar uma vida nova, encontrar outra parceira para fazer parte da sua vida, deixando seu espírito descansar.

Mas logo após, na década de 1950, quando os religiosos começaram a catequizar os indígenas, houve uma mudança de hábitos e eles passaram a crer no evangelho. Para o senhor Villi é um equívoco não celebrar este momento do viúvo. “Porque eles fazia: essa cultura deles pra ficar lá no mato era para eles poderem ter uma vida longa. Por isso que dava a comida só na brasa lá pra eles. Mas isso é uma ideia minha”<sup>45</sup>. Ao contrário do que pensa o senhor Antonio, que não acredita nestes hábitos dos antigos indígenas. Para ele a Bíblia e seus preceitos são a verdade e todos devem seguir o evangelho.

De acordo com o senhor Iudo Priprá, quando ele menciona que “essa era uma tradição, hoje algum [alguém] pode fazer, mas só faz uma imitação, porque aquele costume acabou”<sup>46</sup>. Nos

dias de hoje, quando morre alguém da comunidade Laktlânõ/Xokleng é realizado um ritual definido pela igreja, a Dança da Viúva perdeu seu lugar nas tradições, sendo acrescentados os rituais dos preceitos bíblicos da igreja Assembleia de Deus.

Esta dança atualmente é vista em eventos comemorativos, apresentada para um determinado grupo de pessoas para quem os Laktlânõ/Xokleng querem exibir alguma dança da sua tradição/história. Entretanto, nos relatos desses senhores, podemos perceber que há uma forte tendência em passar essas histórias para as crianças mais novas da comunidade, pois sempre enfatizam que os jovens não sabem mais da sua cultura e não procuram saber. Sendo assim, haverá um esquecimento de suas danças, pinturas e pratos típicos do tempo do “mato”.

### **De que corpo estamos falando?**

Com toda a mudança de vida a partir desses conflitos, os corpos desta população adquiriram novos *habitus*, técnicas que foram ressaltadas neste trabalho. Através dessas interações os sujeitos foram modificando sua maneira de se portar perante a sociedade não indígena, com o intuito de conquistar espaço nas cidades limítrofes sem esquecer quem eles são.

O corpo humano que assumiu um caráter individualizado na sociedade ocidental moderna, nas sociedades indígenas brasileiras exerce papel central

<sup>44</sup> LEVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas, SP: Ed. Papirus, 1989, p. 46-47.

<sup>45</sup> Conversa com Villi, agosto de 2011.

<sup>46</sup> Fala do senhor Iudo Priprá na festa de comemoração de um ano da Associação das Mulheres da aldeia Palmeira. 22 de outubro de 2011.



sendo fabricado para se tornar coletivo. A corporalidade é uma dimensão fundamental para o processo de ensino e aprendizado de conhecimentos, habilidades e técnicas da pessoa indígena<sup>47</sup>.

A mudança de *habitus* dentro da comunidade iniciou-se a partir do momento em que tiveram o primeiro contato com a sociedade não indígena, ou seja, com os conflitos com os colonizadores e a saída do mato. Tal aquisição de novos *habitus* e técnicas segue de maneira contínua, num processo de aprendizado desses novos modelos de corpo, sendo assim, o corpo Laklãñ/Xokleng é modificado e ressignificado a partir das experiências do vivido. Sendo uma mudança imposta, foram obrigados a mudar seus costumes para que a instituição pudesse de maneira simples e econômica cuidar da saúde dos indígenas.

A igreja, desde sua inserção na Terra Indígena, impôs de forma rígida a todos que se dispuseram a frequentar as celebrações e seguir os preceitos bíblicos uma mudança nos *habitus* dos Laklãñ/Xokleng. E tais mudanças foram visíveis, como o uso de roupas sociais, os cabelos das mulheres sempre compridos, o uso de saias longas, a proibição de frequentar bailes, bares e até mesmo a prática de modalidades esportivas, justificando que tais *habi-*

*tus* estão proibidos na Bíblia e que a busca pela salvação passa por seguir os preceitos bíblicos. Esta severidade é uma forma de assegurar que o fiel ou “irmão” pertence e segue a religião e as crenças pentecostais estabelecidas dentro da comunidade.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, Arthur José Medeiros de. *Esporte e cultura: esportivização dos Jogos dos Povos Indígenas*. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Brasília (UnB), 2008, p. 111.

\_\_\_\_\_. *Esporte e cultura: esportivização de práticas corporais nos jogos dos povos indígenas*. Brasília: Ministério do Esporte/ 2º Prêmio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social, 2011, p. 109.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003, p. 74.

FOUCAULT, Michel. *Ordem do discurso: Aula Inaugural no Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 3. ed., abril, 1996.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

GAKRAN, Nambla. *Aspectos morfosintáticos da língua Laklãñ (Xokleng) “Jê”*. (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2005.

<sup>47</sup> ALMEIDA, Arthur José Medeiros de. *Esporte e cultura: esportivização dos Jogos dos Povos Indígenas*. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Brasília (UnB), 2008, p. 111.

- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- GELIS, Jacques. O corpo, a igreja e o sagrado. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo: renascença às luzes*. V. 1. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes. 2008, p. 126.
- GRANDO, Beleni Salette. *Corpo e educação: as relações interculturais nas práticas corporais Bororo em Meruri – MT*. Tese de doutorado em Educação – UFSC. 2004, p. 45.
- KUNZ, Elenor. *Educação Física: ensino e mudanças*. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2004.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas, SP: Ed. Papi-rus, 1989, p. 46-47.
- LOCH, Silvia. *Arquiteturas Xokleng contemporâneas: uma introdução à antropologia do espaço na terra indígena de Ibirama*. (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2004.
- MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974, p. 214.
- PICH, Santiago. *Extra corpore nulla salus: a encruzilhada entre o corpo, secularização e cura no neopentecostalismo brasileiro*. Tese de doutorado em Ciências Humanas. UFSC, 2009.
- SANTOS, Silvio Coelho dos. *Índios e brancos no Sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng*. Porto Alegre: Movimento; Florianópolis: Edeme, 1973. 313p.
- \_\_\_\_\_. *Educação e sociedades tribais*. Porto Alegre: Movimento, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Os índios Xokleng: memória visual*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Itajaí: Ed. da Univali, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Nova história de Santa Catarina*. 5. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.
- SILVA, Cláudio José da. *A doutrina dos usos e costumes na Assembléia de Deus*. Dissertação de mestrado em Ciências da Religião. Universidade Católica de Goiás, 2003.
- VIEIRA, E. E. *Simbolismo e reelaboração na cultura material dos Xokleng*. Dissertação de mestrado em História - UFSC. Florianópolis, 2004, p. 59.